

BRINCAR, VÍNCULO E CUIDADO: CONTRIBUIÇÕES DA LUDOTERAPIA PARA COMPREENDER O SOFRIMENTO INFANTIL

Alicia Vitória Pereira¹; Gianno Lucas de Sousa Damasceno Vieira²

aliciavitoria_@hotmail.com

Área Temática: Saúde mental.

RESUMO

Introdução: O sofrimento emocional infantil nem sempre aparece de modo evidente. Muitas vezes, ele se manifesta no silêncio, no isolamento, na dificuldade de interação ou em comportamentos que os adultos interpretam apenas como birra, desobediência ou retraimento. Nesse cenário, a ludoterapia se apresenta como possibilidade importante de cuidado, por reconhecer o brincar como linguagem própria da infância. **Objetivo:** Refletir, a partir da obra *Dibs: em busca de si mesmo*, sobre as contribuições da ludoterapia para a compreensão do sofrimento emocional infantil, com destaque para o brincar, o vínculo terapêutico e a influência da família e da escola no cuidado à criança. **Metodologia:** Trata-se de um estudo bibliográfico, de abordagem qualitativa, natureza básica e objetivo descritivo-reflexivo, desenvolvido a partir da análise da obra de Virginia Axline em diálogo com produções voltadas à ludoterapia, à saúde mental infantil e ao desenvolvimento emocional da criança. **Resultados e Discussão:** A leitura da obra evidencia que o sofrimento infantil nem sempre se expressa de forma direta e que o brincar pode funcionar como linguagem terapêutica e recurso de elaboração emocional. O vínculo com a terapeuta, marcado por aceitação e ausência de julgamento, aparece como condição importante para que a criança encontre espaço de expressão. Além disso, a análise sugere que família, escola e relações cotidianas interferem diretamente na forma como esse sofrimento é produzido e transformado. **Conclusão:** Conclui-se que a ludoterapia ocupa lugar relevante no cuidado psicológico infantil, especialmente quando reconhece o brincar como forma legítima de expressão e acolhe a criança em sua singularidade, com sensibilidade, tempo e vínculo.

Palavras-chave: Ludoterapia. Infância. Sofrimento emocional.

1 INTRODUÇÃO

O sofrimento emocional infantil nem sempre se apresenta de forma evidente. Muitas vezes, ele aparece no silêncio, no isolamento, na dificuldade de interação ou em comportamentos que os adultos tendem a interpretar apenas como desobediência, retraimento ou “problema de conduta”. Por isso, pensar a saúde da criança exige ir além do desenvolvimento físico e considerar também suas dimensões emocionais, relacionais e subjetivas, sobretudo nos contextos em que esse sofrimento passa despercebido ou é mal compreendido. Gomes et al. (2015), ao discutirem saúde mental infantil na atenção primária, reforçam justamente a necessidade de um olhar mais sensível e ampliado sobre as experiências emocionais da infância.

Nesse cenário, a ludoterapia se apresenta como possibilidade importante de cuidado, justamente por reconhecer o brincar como uma forma legítima de expressão infantil. Quando a criança ainda não consegue dizer com clareza o que sente, a brincadeira pode se tornar um caminho para que medos, conflitos e afetos encontrem espaço de elaboração. Mais do que um recurso complementar, o brincar pode ocupar lugar central no processo terapêutico, favorecendo vínculo, escuta e acolhimento, como também indicam Brito et al. (2021) ao reconstruírem o percurso histórico da ludoterapia centrada na criança.

Essa compreensão encontra apoio em discussões recentes da área. *Child-Centered Play Therapy: A Practical Guide to Therapeutic Relationships with Children*, publicado por Cochran, Nordling e Cochran em 2023, retoma e atualiza os fundamentos da ludoterapia centrada na criança, reforçando a ideia de que o brincar constitui uma via privilegiada para a comunicação emocional e para o estabelecimento de relações terapêuticas seguras e responsivas. A obra destaca que o processo terapêutico com crianças não se sustenta apenas em técnicas, mas na qualidade do vínculo e na capacidade do terapeuta de acolher a experiência infantil em sua própria linguagem.

Também em diálogo com essa perspectiva, *Child & Adolescent Mental Health: A Practical, All-in-One Guide*, de Jess P. Shatkin, em sua edição de 2024, reforça que a saúde mental infantil precisa ser compreendida de forma integrada, levando em conta não apenas sintomas e diagnósticos, mas também contextos familiares, escolares e desenvolvimentais. Isso ajuda a sustentar a leitura de que o sofrimento emocional na infância não pode ser reduzido ao comportamento visível da criança, mas precisa ser interpretado à luz de suas relações, experiências e condições de cuidado.

É a partir desse horizonte que este trabalho toma a obra *Dibs: em busca de si mesmo* como base para refletir sobre o sofrimento emocional infantil e sobre as contribuições da ludoterapia no cuidado à criança. Ao acompanhar a trajetória de Dibs, Virginia Axline mostra como o espaço terapêutico, sustentado pelo brincar e por uma relação de aceitação, pode ajudar a criança a expressar aquilo que ainda não consegue organizar pela fala. Assim, o objetivo deste trabalho é refletir, a partir da obra, sobre as contribuições da ludoterapia para a compreensão do sofrimento emocional infantil, com destaque para o brincar, o vínculo terapêutico e a influência da família e da escola no cuidado à criança.

2 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo bibliográfico, de abordagem qualitativa, natureza básica e objetivo descritivo-reflexivo. A análise foi desenvolvida a partir da obra *Dibs: em busca de si mesmo*, tomada como eixo central da discussão, em diálogo com produções voltadas à ludoterapia, à saúde mental infantil e ao desenvolvimento emocional da criança.

O material foi organizado em torno de três eixos interpretativos: o sofrimento emocional infantil, a ludoterapia como possibilidade de cuidado e a importância dos vínculos familiares, escolares e terapêuticos no desenvolvimento da criança. A escolha por esse percurso metodológico buscou privilegiar não apenas a leitura da obra em si, mas sua articulação com discussões teóricas que ajudam a ampliar a compreensão do caso de Dibs e do lugar da ludoterapia no cuidado psicológico infantil.

Foram considerados, como critérios de inclusão, materiais que abordassem o sofrimento emocional infantil, a ludoterapia e a relevância dos vínculos no desenvolvimento da criança. Como critério de exclusão, deixaram-se de lado textos que não dialogassem diretamente com esses eixos. A interpretação do corpus foi construída de modo reflexivo, articulando a narrativa da obra com contribuições do campo da saúde da criança e da psicoterapia infantil.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A leitura de *Dibs: em busca de si mesmo* permite perceber algo que, muitas vezes, passa despercebido no cotidiano: o sofrimento infantil nem sempre chega pela via da fala. Ele aparece, com frequência, no silêncio, no afastamento, na dificuldade de se vincular, em gestos que os adultos apressadamente chamam de birra, desobediência ou inadequação. É justamente aí que a obra de Axline se torna tão forte. Ela obriga o leitor a desacelerar e a reconhecer que a criança nem sempre consegue explicar o que vive, mas, ainda assim, expressa isso de algum modo. Em Dibs, o sofrimento não surge de forma espetacular; ele aparece aos poucos, em um retraimento que incomoda, em uma presença que parece ausente, em uma infância que não consegue se mover com liberdade no mundo. Esse ponto é importante porque desloca o olhar do comportamento para a experiência. Em vez de perguntar apenas “o que essa criança tem?”, a obra nos leva a perguntar “o que essa criança está vivendo?” (Axline, 1978).

Esse deslocamento muda bastante a forma de compreender a infância. Quando a criança é lida apenas a partir do que incomoda os adultos, corre-se o risco de transformar

sofrimento em rótulo e dor em desajuste. É por isso que o caso de Dibs segue tão atual: ele mostra que nem toda criança silenciosa está “sem resposta”, assim como nem toda dificuldade de interação pode ser reduzida a problema de conduta. Há, muitas vezes, uma vida emocional intensa sendo vivida ali, mas sem espaço legítimo de expressão. Nesse sentido, o livro tensiona uma tendência muito presente nas relações adultas com a infância: a pressa em explicar, enquadrar e corrigir aquilo que ainda nem foi verdadeiramente escutado.

É justamente nesse ponto que a ludoterapia ganha força no texto. Em *Dibs*, o brincar não aparece como passatempo, nem como recurso secundário para “deixar a criança mais à vontade”. Ele aparece como linguagem. E isso faz toda a diferença. A brincadeira, ali, não é adereço da clínica; é o próprio caminho por onde a criança começa a elaborar o que vive. Pelo brincar, Dibs organiza seus afetos, experimenta controle, encena conflitos, testa possibilidades e, pouco a pouco, vai produzindo sentido para aquilo que antes parecia apenas confuso ou incomunicável. Esse aspecto é central porque recoloca o brincar em seu devido lugar: não como algo menor, mas como forma séria e legítima de expressão infantil. Quando Brito et al. (2021) retomam o desenvolvimento histórico da ludoterapia centrada na criança, reforçam justamente essa ideia de que o brincar não é um instrumento decorativo da psicoterapia infantil, mas um modo próprio de comunicação emocional.

Mas a obra vai além ao mostrar que o brincar, sozinho, não explica tudo. O que dá sustentação ao processo de Dibs não é apenas o fato de ele ter brinquedos à disposição, e sim o tipo de relação que se constrói naquele espaço. O vínculo com a terapeuta é decisivo. Axline mostra uma presença que não invade, não força, não apressa e não interpreta de forma precipitada. Há ali aceitação, respeito e uma espécie de confiança radical no tempo da criança. Isso talvez seja uma das contribuições mais bonitas e, ao mesmo tempo, mais exigentes do livro: a de que cuidar não é arrancar a criança do seu modo de existir, mas criar condições para que ela possa aparecer de forma menos ameaçada. A relação terapêutica, nesse caso, não funciona como simples apoio técnico; ela é parte constitutiva do processo. Sem essa experiência de acolhimento, o brincar correria o risco de se tornar apenas atividade. Com ela, torna-se espaço de elaboração.

A interlocução com Landreth e Bratton aprofunda esse ponto ao mostrar que a transformação emocional infantil não depende apenas de interpretação ou manejo técnico, mas da experiência concreta de um vínculo seguro, previsível e acolhedor. Isso ajuda a perceber que o caso de Dibs não deve ser lido como uma história de superação individual

isolada, mas como expressão de algo mais fundamental: a criança muda quando encontra um espaço em que não precisa, o tempo inteiro, se defender para existir. É nesse sentido que a ludoterapia centrada na criança se diferencia de abordagens mais invasivas ou diretivas. Ela não toma a infância como objeto a ser moldado, mas como experiência a ser reconhecida.

Outro aspecto importante da obra é que ela impede uma leitura simplista da criança como unidade isolada. O sofrimento de Dibs não nasce no vazio. Ele é atravessado por família, escola, expectativas, relações cotidianas e formas de reconhecimento. Essa talvez seja uma das dimensões mais críticas do livro: ele mostra que a dor da criança não pode ser compreendida fora dos contextos que a cercam. Isso exige cuidado para não psicologizar excessivamente aquilo que também é relacional e ambiental. A criança não sofre sozinha, no abstrato. Ela sofre em mundos concretos, atravessados por exigências, silenciamentos, ausências, pressões e modos específicos de ser vista. Quando Gomes et al. (2015) defendem uma leitura ampliada da saúde mental infantil, o que está em jogo é justamente isso: reconhecer que o sofrimento da criança não pode ser explicado apenas pelo sintoma aparente, mas precisa ser compreendido nas tramas em que sua vida acontece.

Essa discussão também convida a uma crítica importante: muitas vezes, o adulto se relaciona com a criança a partir da expectativa de desempenho, adaptação e resposta rápida. Quando isso acontece, a criança que não corresponde a esse ideal passa a ser vista como problema. *Dibs* confronta essa lógica ao mostrar que nem toda infância silenciosa é vazia, nem toda criança retraída está sem mundo, nem toda dificuldade de adaptação autoriza classificações apressadas. Há, na obra, uma defesa silenciosa, mas muito forte, da necessidade de suspender a pressa adulta diante da infância. E isso tem implicações clínicas e éticas profundas.

Por fim, a leitura de *Dibs* reafirma que a ludoterapia ocupa um lugar importante no cuidado psicológico infantil justamente porque leva a infância a sério. Leva a sério sua linguagem, seu tempo, seus modos de expressão e também sua dor. O que a obra ensina, no fundo, é que a criança não precisa apenas ser observada ou interpretada; ela precisa encontrar um espaço em que possa existir sem ser imediatamente corrigida, enquadrada ou traduzida pelo olhar adulto. Nesse sentido, a ludoterapia não aparece apenas como técnica útil, mas como postura clínica que reconhece a criança como sujeito. E talvez seja exatamente por isso que a obra continua tão potente: porque nos lembra que escutar a

infância exige mais do que conhecimento teórico; exige presença, sensibilidade e disposição para abandonar respostas rápidas diante do sofrimento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da obra mostra que o sofrimento emocional infantil nem sempre aparece de forma clara para os adultos. Muitas vezes, ele se esconde em comportamentos que parecem simples demais para preocupar ou incômodos demais para serem escutados com cuidado. *Dibs* ajuda justamente a romper com essa leitura apressada, mostrando que silêncio, retraimento e dificuldade de vínculo também podem ser modos de expressão de uma dor que ainda não encontrou palavras.

Ao mesmo tempo, o livro reafirma a força da ludoterapia como espaço de cuidado. Não porque o brincar, por si só, resolva tudo, mas porque ele oferece à criança uma forma legítima de expressão e elaboração. Em *Dibs*, o brincar não é enfeite da clínica; é o lugar onde algo da experiência infantil pode finalmente ganhar forma, ser reconhecido e, pouco a pouco, transformado. Isso só acontece, porém, porque há vínculo. Sem uma relação marcada por aceitação, respeito e ausência de julgamento, o processo terapêutico perderia justamente aquilo que o sustenta.

O trabalho também reforça que a criança não pode ser compreendida isoladamente de seus contextos. Família, escola e relações cotidianas participam da produção e da transformação do sofrimento infantil. Por isso, pensar o cuidado psicológico na infância exige uma escuta mais ampla, menos interessada em rotular rapidamente e mais comprometida em compreender de onde vem aquilo que aparece como sintoma, recusa ou silêncio.

Como limite, trata-se de uma reflexão bibliográfica centrada em uma obra específica, o que naturalmente restringe o alcance da análise. Ainda assim, essa escolha se mostrou fecunda justamente porque *Dibs* continua sendo uma narrativa muito potente para pensar infância, sofrimento e cuidado. Mais do que oferecer respostas prontas, a obra insiste em algo essencial: a criança precisa ser levada a sério em sua linguagem, em seu tempo e em sua forma singular de existir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AXLINE, Virginia M. **Dibs**: em busca de si mesmo. Rio de Janeiro: Agir, 1978.

BRATTON, Sue C.; LANDRETH, Garry L. **Child-Parent Relationship Therapy Treatment Manual**: an evidence-based 10-session filial therapy model. 2. ed. New York: Routledge, 2020.

BRITO, Rosa A. C. de et al. Da ludoterapia não-diretiva à ludoterapia centrada na criança: desenvolvimento histórico. *Revista da Abordagem Gestáltica*, Goiânia, v. 27, n. 2, p. 213-226, 2021. DOI: 10.18065/2021v27n2.8.

COCHRAN, Nancy H.; NORDLING, William J.; COCHRAN, Jeff L. **Child-Centered Play Therapy**: a practical guide to therapeutic relationships with children. 2. ed. New York: Routledge, 2023.

GOMES, Fernanda M. de A. et al. Saúde mental infantil na atenção primária à saúde: discursos de profissionais médicos. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 244-258, mar. 2015. DOI: 10.1590/S0104-12902015000100019.

LEFFLER, Jarrod M.; THOMPSON, Alysha D.; SIMMONS, Shannon W. (ed.). **Handbook of Evidence-Based Inpatient Mental Health Programs for Children and Adolescents**. Cham: Springer, 2024.

SHATKIN, Jess P. **Child & Adolescent Mental Health**: a practical, all-in-one guide. 3. ed. New York: W. W. Norton & Company, 2024.